

RELATÓRIO SOBRE OS ÍNDIOS KARITIANA - ESTADO DE RONDÔNIA

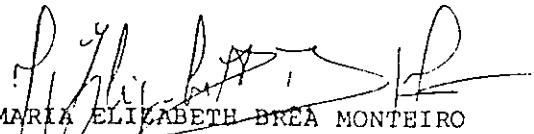
S U M Á R I O

1. Ocupação da Região do Rio Madeira
2. Os Karitiana e os Grupos Tupi do Alto Madeira
3. A Questão da Terra
4. Considerações Finais
5. Bibliografia
6. Anexos

Rio de Janeiro, 10 de agosto de 1984

OBS.:

- FORMOU PROCESSO FUNAI/BSB/


MARIA ELIZABETH BREA MONTEIRO
- Antropóloga / SEDOC -

1. OCUPAÇÃO DA REGIÃO DO RIO MADEIRA

A penetração pelo rio Madeira, importante afluente da margem direita do rio Amazonas, teve início entre os séculos XVII e XVIII. Questões territoriais e disputas pelo domínio dessa região oriental entre as Coroas portuguesa e espanhola concorreram para que diversos viajantes empreendessem expedições por essa via fluvial. Dentre os primeiros podemos citar o bandeirante Antonio Raposo Tavares que, saindo de São Paulo em 1647, foi o primeiro a tomar conhecimento das cachoeiras do Madeira; o sargento-mór Francisco de Mello Palheta que, a 02 de fevereiro de 1723, embôcou "pe lo famoso rio da Madeira"; José Gonçalves da Fonseca com a exploração pelos rios Madeira e Guaporé em 1749.

Além desses viajantes, por volta de 1669 e 1672, iniciaram os missionários jesuítas as primeiras tentativas em subir o rio Madeira, fundando a aldeia de Tupinambarana (atual Parintins) e dos Iruris.

"No princípio do século XVIII as atividades missionárias do Rio Madeira estavam concentradas em Abacaxis. Mas, em 1714, já se mantinham aldeias domesticadas nas enseadas dos rios Canumã, Andirás, Acuriatós, e entre os Índios Guarinamé, na fronteira do atual Território Federal de Rondônia com o estado do Amazonas." (HUGO, 1929, v.1:25-26)

A navegação do rio Madeira, como atestam os diários de viagens desses "bandeirantes", foi sempre um empreendimento difícil, dada a existência de inúmeras cachoeiras e corredeiras ao longo do seu percurso. Contudo, não representaram obstáculo intransponível, uma vez que, desde o início do século XVIII, viajantes partindo de Belém e de São Paulo, adentravam pelo Madeira não só com o objetivo de reconhecimento do seu curso e seus acidentes, mas visando, também, estabelecer uma ligação entre Vila Bela, em Mato Grosso, e Belém.

Como mencionamos acima, o Madeira foi palco de disputas territoriais que deram ensejo a que, em 1781, fosse organizada uma comissão chefiada por Francisco Lacerda de Melo e pelo sargento-mór de engenheiro, João Vasco Manoel Braum, com vistas a de marcar a primeira divisão dos reais limites da colônia portuguesa.

Comerciantes de madeiras e drogas do sertão também se faziam presentes no Madeira, já na segunda metade do século XVIII.

711

Para tanto contavam com a única mão-de-obra disponível na região: a indígena. Os índios bolivianos e brasileiros eram os únicos conhecedores dos canais e picadas para transpor as grandes cachoeiras desse rio.

A grande quantidade de produtos comercializáveis, de alto valor no mercado mundial, despertava o interesse tanto do Brasil quanto da Bolívia em estabelecer um meio de circulação no alto Madeira. Após algumas sugestões, optou-se pela construção de uma estrada de ferro. Foram organizados, então, grupos de estudos e viagens de exploração do rio Madeira, com vistas à elaboração do projeto da futura ferrovia, procurando seu melhor traçado. Dentre os vários estudos elaborados, podemos citar os de Franz Keller-Leuzinger (Anexo 1), em 1860, o relatório apresentado ao Conselheiro João Ferreira de Moura pelo engenheiro Julio Pinkas, em 1885, ou a descrição da viagem realizada pela 2.^a turma de reconhecimento do alto Madeira, composta pelos engenheiros Othniel F. Nichols, Charles M. Bird, Charles W. Buchholz e Dom Ignacio Arauz (1878). Todos esses relatos vêm acompanhados de informações sobre os índios da região, suas características e costumes.

Outra comissão de grande importância, não só no que diz respeito à exploração do rio Madeira, mas também com relação ao conhecimento de suas populações indígenas, foi a chefiada por Cândido Mariano da Silva Rondon. A Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, também conhecida como Comissão Rondon, iniciou seus trabalhos na última década do século passado, e por volta de 1910 chegou aos principais tributários do Madeira.

Em fins do século passado efetuou-se a penetração da região do rio Madeira por nordestinos, empurrados pela seca nos Estados do Ceará, Paraíba e outros, e estimulados pelo surto da borracha. Alcançavam os vales do Abunã, Preto, Jamari, Candeias, Jaci-Paraná e Mutum-Paraná, estabelecendo-se nos seringais espalhados.

"...Pelo Jamari chega-se a importantes afluentes, o Candeias, o Massanganga, o Pardo, que comunica com seringais muito ricos e povoados..." (HUGO, 1959, v.1:151)

Um segundo surto da borracha, durante a Segunda Guerra Mundial, provocou uma nova onda de povoadores não mais de origem exclusivamente nordestina, como no século passado, mas também

por migrantes do sul do país que penetravam na região descendo o Guaporé. Além disso, a partir de 1960, a abertura de uma nova fronteira agrícola e a descoberta de minérios (ouro, cassiterita etc.) determinaram o aparecimento de povoados ao longo da região (Anexo 2).

A promoção indiscriminada, por parte do governo, de projetos fundiários de colonização e assentamento dirigido, como os que temos verificado nesses últimos anos, tem afetado, de forma acentuada, as populações indígenas de Rondônia que vêm, diariamente, seus territórios serem invadidos e sua integridade étnica violada.

PAI

2. OS KARITIANA E OS GRUPOS TUPI DO ALTO MADEIRA

Através dos relatos disponíveis, observamos uma certa imprecisão quanto à denominação dos grupos indígenas da região do alto Madeira. A maioria desses grupos é de língua Tupi, o que nos sugere uma origem étnica comum entre eles. Além disso, a grande mobilidade dessas populações pela área densamente provida de rios e igarapés parece-nos ter favorecido uma indefinição na identificação dos índios da região.

As primeiras referências explícitas aos índios Karitiana (Caritiana) datam de 1909 e são fornecidas pelo ajudante da Comissão Rondon, o Capitão Manoel Theophilo da Costa Pinheiro, que empreendeu a exploração do rio Jaci-Paraná. A companhia, composta, também, pelo farmacêutico Antonio Pereira de Andrade, pelo Guarda de 1.^a Classe de Repartição dos Telégrafos, Alberto dos Santos Ribeiro, e pelo 1.^o Tenente Amilcar Botelho de Magalhães, chegou ao Jaci-Paraná em 18/10/1909. É o Capitão Pinheiro que descreve os habitantes desse tributário do Madeira.

"As tribus que habitam nas margens do Jacy, pelas informações que tomei, são em numero de tres: - a dos caripunas, caritianas e cangapirangas. Além destas ha ainda, nas cabeceiras do rio, a tribu dos gamélas. Essas tribus vivem em lucta permanente com os seringueiros, e só approximão-se das margens ou de algum barracão, para tomar uma represalia." (PINHEIRO, 1910:9)

Ainda com relação a essa viagem do Capitão Pinheiro, relata Rondon numa conferência realizada no Palácio Monroe, no Rio de Janeiro, em 1910.

"Infelizmente, houve a lamentar a morte de dois homens, um de beriberi e o outro de desastre. Este ocorreu por ocasião do ataque dos índios Caritianas (e não Acanga-Pirangas) contra a penúltima das tres canoas que conduziam a expedição rio acima. Os Caritiana estão em convívio com os seringueiros do Jacy-Paraná, para os quaes trabalham na extracção da borracha. Infelizmente todos os negocios entre indios e civilizados fazem-se á maneira da caçada immortalizada na fabula: os civilizados figuram sempre no papel do leão. (...) O ataque de que resultou a morte do remador teve suas origens numa dessas questões. Os Caritianas receberam agravos do seu antigo patrão, o seringueiro Minervino, e queriam vingar-se. Desgraçadamente o porte e o vestuario do Dr. Paulo dos Santos deram lugar a uma confusão: os índios pensaram ter adiante de si o seu inimigo. Dado o assalto, ficou ferido o Dr. Paulo dos Santos, e o inditoso remador, atirando-se ao rio, pereceu afogado." (RONDON, 1922:76-77)

É o próprio Rondon e seus companheiros de Comissão que nos sugerem essa dificuldade na definição dos grupos indígenas do alto Madeira, ao confundir os Karitiana com os Índios Acanga-Piranga.

Os grupos que mais freqüentemente são mencionados na região compreendida entre os rios Jamari e Jaci-Paraná são: Arikeme, Karipuna, Karitiana e Acanga-Piranga.

Métraux (1948) localiza os Arikeme (Ahopovo), pertencentes à família Tupi-Guarani, nas cabeceiras dos rios Jamari e Candeias e no rio Massangana, um tributário do Jamari. Quando da visita da Comissão Rondon, em 1911, os Arikeme viviam em quatro malocas, totalizando 60 Índios.

Outros relatos mais antigos, como os de João Braum e de Keller-Leuzinger, mencionam apenas os Índios Caripuna. Pelas imediações do rio Jaci-Paraná, escreve Braum:

"(...)habita tambem o gentio da nação Caripuna, que é inteiramente selvagem; tem o rosto mascarado de vermelho, as orelhas furadas, e nellas trazem ossos; a cartilagem do nariz tambem furada, atravessando por este furo um tubo de gomma alambreada, muito dura, que terá tres pollegadas de comprimento, e quatro linhas de grosso. Alguns tem umas curtas barbas ou bigodes, e do meio delles lhe pendem uns senalhantes tubos, porém mais grossos e compridos; ornã a cabeça com um circulo guarnecido de curtas pennas, sendo as da parte posterior de Araras, as quaes lhes cahem sobre as costas; são muito desconfiados, ladrões, robustos e ferozes." (BRAUM, 1860:460)

O engenheiro Keller-Leuzinger, na descrição de sua viagem aos rios Amazonas e Madeira, também relata sobre os Índios Karipuna vivendo nas corredeiras deste rio. Segundo o autor, são Índios fortes, de estatura mediana. Sua descrição é muito semelhante à contida no relatório do engenheiro Julio Pinkas da Comissão de Estudos da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré sobre os Karitiana.

"Furam o cepto do nariz que recebe um duplo "bouquet" de pennas encarnadas e ornã as orelhas com dentes de capivara ou de jacaré gradando-os com oera. Vistos de longe parecem ter bigode vermelho.

No pescoço trazem collares de dentes de macaco, ou quati, nos pulsos e pernas enrolam em fôrma de pulseira um barbante engenhosamente coberto por talas de pennas.

Nos seus festejos ornã-se com uma corôa de pennas de tucano e mais enfeites de pennas pretas, amarellas e vermelhas no corpo.

As mulheres usam dos mesmos enfeites, andam completamente nuas até a idade da puberdade, quando recebem a tanga, pedaço de panno de 15 centímetros em quadrado ornado de pennas e suspenso livremente sobre um cinturão de feitio igual às pulseiras. Homens e mulheres não têm vestigios de cabellos no corpo.

Os cabellos pretos lhe cahem incultos sobre os hom

[Handwritten signature]

bro e o peito, apenas aparados na frente com a faca de conchas. Seus arcos são direitos, tem dois metros de comprimento e são fabricados do pão da pachiluba. As flechas são maiores ainda. A haste que cortam da canna brava, é enfeitada por penas de mutum amarradas em espiral na parte inferior, é unida à ponta de uma taboca mais grossa por um fio de algodão coberto de cera. Deram provas de grande destreza no uso dessa arma, que lhes serve na pesca, na caça e na guerra. Usam também da "zarabana" e conhecem os strychnos, por que hervam suas flechas." (PINKAS,1885:114-15)

Já os Acanga-Piranga (Cabeça vermelha), referidos no Jamari e Jaci-Paraná, foram cruelmente perseguidos pelos brancos, como menciona o engenheiro Pinkas, não restando mais nenhum grupo, atualmente, com essa denominação.

Somente dos Karitiana, como foi visto anteriormente, tivemos as primeiras informações a partir dos trabalhos da Comissão Rondon, no início deste século (Anexo 3).

Com relação à origem da denominação, é provável que o nome tenha sido imposto ao grupo, indistintamente, pelos seringueiros da região, o que dá margem a imprecisões quanto à sua identificação e classificação lingüística. Um mapa elaborado em 1934 pelo Prof. Roquette-Pinto, do Museu Nacional e colaborador da Comissão Rondon, classifica os Karitiana e os Karipuna como de língua Pano. (Anexo 4) O mesmo ocorre com informação do Cel. Amilcar de Magalhães em relação a este segundo grupo. O padre Vito Hugo, na sua obra clássica Desbravadores, revela que os Karitiana "formavam outrora um só grupo com os Caripuna" (HUGO, 1959, v.2:260).

Só a partir dos anos 30 é que os contatos entre Karitiana, missionários e funcionários de órgãos governamentais, como o Serviço de Proteção aos Índios, começam a se intensificar. Acreditamos que esses contatos tenham-se tornado mais freqüentes a partir da presença do SPI na área, através da Inspeção Regional do Amazonas (IRI). Contudo, devemos ressaltar que, nos primeiros documentos do órgão sobre a região do alto Madeira, os Karitianas não são citados. Em relatório do SPI referente aos anos de 1930 e 1931, o inspetor Bento Pereira de Lemos, tratando da antiga Colônia Rodolfo Miranda, na margem esquerda do Jamari, fundada em 1914 por Rondon, apresenta um recenseamento dos índios assistidos pelo posto indígena: 8 Kepi-kiri-uats, 5 Curumbiãra, 5 Caripuna, 3 Tupi, 2 Pacaia-Nova, 2 Arara, 1 Jarú, 1 Pimenteira, e 1 Pareci. Esse posto agrupava índios da região das cabeceiras dos tributários do Madeira, entre eles Jaci-Paraná, Mutum-Paraná e Candeias.

11
Hil

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDÍO
SETOR DE DOCUMENTAÇÃO

Apoiando-nos na afirmativa do Pe. Vitor Hugo quanto ao parentesco entre os Índios Karitiana e Karipuna, concluímos ser de interesse para o presente relatório a inclusão de alguns documentos que, apesar de fazerem menção clara apenas aos Karipunas sugerem uma possível relação com os Karitiana.

Devemos notar que, apesar de haver um número apreciável de informações sobre os Karipuna desde o século XVIII, o seu contato com a sociedade nacional se deu de forma irregular. Durante a década de 40, as atividades do P.I. Rodolfo Miranda destinaram-se ao serviço de atração dos Karipuna, como atestam as instruções do inspetor Francisco Furtado Soares Meireles ao encarregado Alberto Meireles Pucú:

"Esta tem por fim vos transmitir algumas instruções para os vossos trabalhos de atração e de extração de caucho nas imediações da maloca dos índios Caripunas situada nas cabeceiras do igarapé S. Francisco (aguas do Jaci-Paraná).

- a) So deveis permitir extração de caucho ou outro qualquer produto quando dita exploração por sua distancia das malocas não pertubem e intranquilisem os índios ainda hostis, provocando represalias deles o que seria desastroso para nossos trabalhos de atração, principal objetivo nosso.
- b) Devereis empreender em companhia de elementos fornecidos pelo Sr. Cirilo Rodrigues uma visita a maloca levando brindes e objetos de utilidade para os índios. Não deve permitir que sob pretexto algum retirem da maloca qualquer objeto pertencente aos índios o que tão pouco danifiquem os mesmos ou as casas e plantações.
- c) Escolher local alto e bastante devassado, procedendo imediatamente a uma limpeza nos arredores, para instalação do Posto de Atração, renovando para longe todo obstaculo produsido pelas arvores e palheiras derrubadas evitando assim as perigosas "tocaias" dos parentes.
- d) Recomendar sempre a manter a maior vigilancia nos arredores do Posto e tambem nas proximidades do pessoal que estiver trabalhando caucho. Caso a permanencia do Posto e dos caucheiros provoquem grande hostilidade por parte dos índios, demonstrando eles por essa forma o seu aborrecimento com a nossa visinhança, deveis imediatamente abandonar o local ocupado deixando ahi brindes e fazendo dahi apenas um dos pontos de atração, colocando sempre neste local abandonado brindes para que os índios percebam que não tinhamos mas intenções com eles.
- e) Manter sempre muita moral, ordem e disciplina no acampamento, evitando assim brigas e outros aborrecimentos.
- f) Comunicar sempre todo fato ou ocorrencia de importancia à Chefia desta inspetoria em Manaus, bem como traze-la informada dos sucessos obtidos da pacificação em curso". (SPI, 1943:145 e 147)

Um recibo do Aero Clube do Guaporé, referente ao primeiro semestre de 1950, confirmar os trabalhos de atração que estavam sendo desenvolvidos junto aos Karitiana e Karipuna (Anexo 5).

[Handwritten signature]

Em 19 de setembro de 1948, o chefe da 9.^a Inspeção Regional, Alvaro Soares da Silva, encaminhou ao Comandante da 8.^a Região Militar em Belém uma listagem dos grupos indígenas do extinto Território do Guaporé (atual Estado de Rondônia), em que as malocas Karitiana estão localizadas nos rios Jamari e Candeias (Anexo 6). Uma outra relação das áreas habitadas pelas tribos indígenas do Território Federal do Guaporé situa os Karitiana nos rios Candeias, Jamari e Branco (Anexo 7). Outras relações de grupos do alto Madeira citam os Karitiana nas proximidades dos afluentes do Jamari (Anexos 8 e 9).

Quando os salesianos assumiram a Prelazia de Porto Velho, por volta de 1950, os Karitiana encontravam-se nas proximidades do médio rio Candeias, "à espera do missionário prometido". Por essa época, os Karitiana não passavam de 70 índios. Em 12 de dezembro de 1953, o missionário Pe. José Francisco Pucci escrevia a Vitor Hugo:

"Se não tivesse coincido com a Semana Eucarística teríamos ido às malocas dos índios Caritiana, os quais já há 3 anos nos convidam para catequizá-los e batizá-los." (HUGO, 1959, v.2:203)

Prosseguindo no seu relato sobre esses índios, Vitor Hugo menciona que, a 05/11/1957, foram batizados na Catedral de Porto Velho "os primeiros dois Caritiana" nascidos no rio Candeias. É ainda Vitor Hugo que nos fornece uma descrição desse grupo, ao qual Pe. Cerri, Pe. Ângelo Spadari (diretor do Colégio Dom Bosco de Porto Velho) e Adhail Guimarães Póvoas (irmão leigo) foram ao encontro, no rio Candeias, em 1958 (Anexo 10).

"Após vários dias de preparo, no dia 20 de janeiro de 1958 foram batizados 24 Caritiana, inclusive vindos de uma maloca distante (...)
Os Caritiana semi-civilizados, ocupam quase toda a extensão do Rio Candelas e seus afluentes. De pele bastante clara, eles andam despídos, mas, na presença dos civilizados que eles chamam brasileiros, se vestem e se enfeitam. Além do mais exigem sejam avisados pelos brasileiros, ao se aproximarem de sua maloca, para que tenha tempo de cobrir a própria nudez. De constituição robusta, alimentam um temor razoável pela gripe que lhes é fatal.
São de uma disposição extraordinária para o trabalho: os homens e os meninos mais crescidos extraem sorva e caucho. As mulheres cuidam dos afazeres domésticos. Dedicam-se à agricultura de maneira rudimentar, cultivando milho, batata, macaxeira, amendoim e algodão, com que tecem suas redes(...)" (HUGO, 1959, v.2:260)

[Handwritten signature]

Os contatos mais freqüentes com o SPI se fazem sentir a partir da década de 60. Contudo, há bem mais tempo os Karitiana já vinham mantendo relação com seringueiros e comerciantes. Essas relações, sempre negativas para as populações indígenas, causaram um esfacelamento do grupo, o que provocou a necessidade do estabelecimento de uma agência do SPI na região como forma de controlar os abusos verificados junto aos Karitiana, e a demarcação de uma área para o referido grupo indígena (Anexos 11 e 12). A proximidade de Estrada de Ferro Madeira-Mamoré constituiu um outro elemento de contribuição para a dispersão dos índios enquanto grupo e a sua depauperização cultural e física. Os contatos indiscriminados com a sociedade nacional deixava-os a mercê de exploradores e de doenças que, na maioria das vezes, lhes eram fatais, como a gripe a que se refere Vitor Hugo (Anexo 13). Com freqüência, esses índios se dirigiam a Porto Velho ou ficavam na margem da estrada de ferro para vender artesanato (Anexo 14). Toda essa situação implicou uma maior assistência por parte do SPI e FUNAI com relação a esse grupo.

A partir de correspondência entre funcionários do SPI e de outros órgãos do governo, podemos observar o grau de tensão que as relações entre índios e brancos alcançaram na região do alto Madeira (Anexos 15 e 16).

O relatório das atividades da Inspetoria de Rondônia referente ao ano de 1967 nos dá um quadro do estado em que se encontravam os Karitiana do alto rio das Garças, afluente do Candeias (Anexo 17).

Em 1969, como forma de prestar maior assistência aos grupos indígenas de Rondônia e "atender eficientemente" as agências regionais, a FUNAI criou a Ajudância de Guajarã-Mirim, subordinada à 5ª Delegacia Regional em Cuiabá. A instalação de um posto Karitiana, nas nascentes do igarapé das Garças, teve como objetivo evitar choques com seringueiros e garimpeiros das proximidades. Em seu relatório referente aos postos indígenas de Rondônia escreve o chefe da Ajudância em Guajarã-Mirim, Cicero Cavalcante de Albuquerque, a respeito do P.I. Karitiana:

"Está situado nas nascentes do igarapé GARÇAS, afluente do rio Candeias, este do Madeira. Por água são aproximadamente uns oitenta (80) quilômetros, da foz do Garças à aldeia ou Posto Karitiana. Também, tem um caminho (picada, varadouro) que liga este Posto ao local por onde passa a estrada de rodagem Porto-Velho à Guajarã-Mirim que desse local viaja-se pela picada ou caminho indo-se a pé gasta-se seis horas. O "Garças" só é navegável na época do inverno e no verão até uma certa parte em canoa pequena. Pode-se viajar de automóvel até a entrada desse caminho

[Handwritten signature]

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
SETOR DE DOCUMENTAÇÃO

(picada) e daí em diante a pé ou a cavalo (quando tivermos cavalo pois precisamos adquiri-lo). O En carregado ou responsável por esse Posto é o FRANCISCO ALVES RODRIGUES (conhecido por Chico da Burra), trabalhador nível 1. Os índios são aculturados e bons para serviços agrícolas, segundo estamos ensinando-lhes." (Filme 45, Plan.529)

Sua população, em setembro de 1970, era de 35 crianças abaixo de 12 anos, sendo 15 meninos e 20 meninas, e ²⁹19 com mais de 13 anos, sendo 14 do sexo masculino e 15 do feminino, num total de 64 Karitiana.

Além do SPI, e mais tarde da FUNAI, o contato mais contínuo dos Karitiana foi com os missionários do Summer Institute of Linguistics (SIL). Em princípios de 1968, um missionário chamado Willem Bontkes fez os primeiros contatos com esses índios, visitando-os rapidamente (Anexos 18 e 19).

Até dezembro de 1977, a FUNAI manteve convênio com o SIL para a educação bilingüe de várias populações indígenas. Com relação aos Karitiana, o resultado da permanência dessa missão religiosa entre eles trouxe conseqüências negativas para o grupo, de acordo com declaração da antropóloga Denise Maldini ao jornal O Globo em 08/07/1984.

"Os Karitiana foram submetidos a um processo de evangelização pelo SIL. Os missionários formaram índios pastores e construíram um templo na aldeia e, embora tenham sido retirados, matêm uma ligação ininterrupta com os índios que vão a Porto Velho. Houve cisões no grupo entre índios crentes e não crentes, atingindo as chefias tradicionais." (MISSÕES Estrangeiras..., 08.07.84:10)

[Handwritten signature]

3. A QUESTÃO DA TERRA

Como dissemos anteriormente, a partir da década de 60 houve um acentuado movimento migratório em direção ao atual Estado de Rondônia, estimulado pelos órgãos oficiais brasileiros encarregados da política agrária. Foram, assim, criados projetos fundiários com a finalidade de "promover a discriminação de terras devolutas, providenciar a incorporação ao patrimônio público das áreas 'desocupadas' e das ilegalmente ocupadas, prover a titulação das posses legítimas ou passíveis de regularização, propor o reconhecimento dos títulos de domínio existentes, executar os desmembramentos e parcelamentos das áreas devolutas desocupadas, segundo indicação do INCRA" (IBGE, 1983:82-83). Além desses projetos, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) vem promovendo a venda a particulares de glebas em poder da União.

Atualmente, os Karitiana estão reunidos no P.I. Karitiana, situado na margem esquerda do rio das Garças, afluente do rio Candeias, município de Porto Velho, Estado de Rondônia (Anexo 20). A população é de 109 índios vivendo numa área demarcada de 89.698,42 ha. Contudo, a demarcação da Área Indígena Karitiana é assegurada apenas por uma portaria da FUNAI, não havendo ainda um decreto que lhes assegure o território. Além disso, a área é delimitada por linhas secas, na forma de um retângulo, o que facilita a invasão por grileiros, posseiros etc., e está cercada a leste, oeste e sul por terras de domínio da União. Ao norte a Área Indígena Karitiana confronta-se com a Gleba Garças do Projeto Fundiário Alto Madeira (Anexo 21). Essa gleba, situada entre os km 11 e 70 da BR-319 (continuação da BR-364, ligando Porto Velho-RO a Rio Branco-AC), possui uma área de 143.000ha. Numa parte da gleba foram assentados 300 ocupantes, localizados ao longo da rodovia, em terrenos de 50 a 100 ha. As principais culturas desses terrenos são milho, feijão, arroz e mandioca. O restante da Gleba Garças foi dividido em parcelas maiores, de 500 a 2.000ha, destinadas à pecuária.

Percebemos, portanto, que a Área Indígena Karitiana encontra-se encravada numa região bastante atraente para posseiros, grileiros, fazendeiros e outros, no caminho da grande frente de expansão que se vem dirigindo para Rondônia.

A descoberta de cassiterita e outros minérios também determinou a convergência de numerosos contingentes de garimpeiros para a região, assim como de madeireiros. Essas invasões, como

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO
SETOR DE DOCUMENTAÇÃO

podemos observar por documentação anexa, não são recentes. Algumas firmas de mineração, como a Mineração Maria Conga e a Mineração Araçazeiro, instalaram-se há anos próximo aos Karitiana. Em relatório de 1970 do chefe da Ajudância em Guajarã-Mirim, Cicero Cavalcante, fica clara sua preocupação com a proximidade desses elementos (Anexo 22).

11
11

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDÍO
SETOR DE DOCUMENTAÇÃO

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos no decorrer do presente relatório, os Karitiana, juntamente com outros grupos da região do Guaporé, como os Karipuna, Massakã, Uru-eu-wau-wau, Arikeme e outros de língua Tupi, formam, provavelmente, um conjunto com uma origem comum. Podemos mesmo pensar na possibilidade de, algum dia, terem constituído um só grupo que se foi dispersando em pequenos grupos que foram entrando em contato com a sociedade nacional desigualmente e em épocas diferentes. Alguns Índios acima mencionados tiveram o primeiro contato com o branco através das equipes da Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, no início deste século, e conservam o nome que lhes foi dado na época, dificultando a elaboração de um levantamento histórico dos referidos grupos.

Com relação à questão fundiária, parece-nos que a demarcação da atual área Karitiana deixou fora de seus limites o alto rio das Garças, onde tradicionalmente esse grupo indígena pescava. Além disso, a precária situação jurídica em que se encontra o seu território, torna-os vulneráveis a invasões de toda a sorte, fazendo-se, portanto, necessária a urgente decretação da área e seu respectivo registro no Serviço de Patrimônio da União.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍndIO
SETOR DE DOCUMENTAÇÃO

5. BIBLIOGRAFIA

- ABREU, João Capistrano de. Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil. Liv. Briguiet, 1930.
- BRAUM, João V.M. Roteiro Corographico da Viagem que se costuma fazer da cidade de Belem do Pará á Villa Bella de Mato Grosso. Rev.Inst.Hist.Geog.Bras., Rio de Janeiro, 23:439-478, 1860.
- CRAIG, Neville B. Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. São Paulo, Nacional, 1947.
- HUGO, Vitor. Desbravadores. Amazonas, Ed. Missão Salesiana de Humaitã, 1959. 2v.
- IBGE. A organização do espaço na faixa da Transamazônica. Rio de Janeiro, IBGE, 1979. v.1.
- Indians of Western Rondonia. In: IN THE PATH of Polonoeste: endangered peoples of Western Brazil. Occasional Paper, Cultural Survival, 6:38-45, oct.1981.
- KELLER-LEUZINGER, Franz. The Amazon and Madeira Rivers. London, Chapmen and Hall, 1874.
- METRAUX, Alfred. Little known tribes of the Upper Madeira River. Handbook of South American Indians, Washington, 3:406-407, 1948.
- MIDLIN, Betty & LEONEL JR., Mauro. Relatório Karitiana. São Paulo, Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, 1983. (mimeo.)
- MISSÕES Estrangeiras tomam lugar da FUNAI entre Índios. O Globo, Rio de Janeiro, 08 jul. 1984. p.10.
- PINHEIRO, Manoel Theophilo da Costa. Exploração do Rio Jacy-Paraná. Rio de Janeiro, Comissão Rondon, 1910. (Comissão Rondon, Publ. n.º5, an.n.º2)
- PINKAS, Julio. Relatório. Comissão de Estudos da Estrada de Ferro do Madeira e Mamoré. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1885.
- RONDON, Cândido Mariano da Silva. Conferências realizadas em 1910 no Rio de Janeiro e São Paulo. Rio de Janeiro, Typ. Leuzinger, 1922. (Comissão Rondon, Publ. n.º68)
- _____ & FARIA, João Barbosa de. Glossário Geral das Tribos Silvícolas de Mato-Grosso e outras da Amazônia e do Norte do Brasil. Rio de Janeiro, CNPI, 1948. (CNPI, Publ.n.º76, an.5)

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDÍO
SETOR DE DOCUMENTAÇÃO

ROQUETTE-PINTO, Edgard. Rondonia. 4.ed. São Paulo, Ed. Nacional,
1938.

SILVA, Octavio Felix Ferreira e. Exploração e Levantamento do Rio
Jamary. Rio de Janeiro, Comissão Rondon, 1920. (Comissão Ron-
don, Publ.Nº57, an.2)

SPI. Relatório do inspetor da I.R.1, Alberto Pizarro Jacobina, re-
ferente ao ano de 1943, de 15/03/44. (inédito)

mt

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDÍO
SETOR DE DOCUMENTAÇÃO

6. ANEXOS

- (1) CRAIG, N.B. Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. São Paulo, Ed. Nacional, 1947.
- (2) IBGE. A organização do espaço na faixa da Transamazônica. Rio de Janeiro, IBGE, 1979. v.1.
- (3) RONDON, C.M.S. & FARIA, J.B. Glossário Geral das Tribos Silvícolas de Mato-Grosso e outras da Amazônia e do Norte do Brasil. Rio de Janeiro, CNPI, 1948.
- (4) ROQUETTE-PINTO, E. Rondonia. São Paulo, Ed. Nacional, 1938.
- (5) Recibo do Aero Clube do Guaporé referente a trabalhos realizados durante o primeiro semestre de 1950. (Filme 53, Plan.486)
- (6) Ofício nº121 do chefe da IR9, Alvaro da Silva, de 01/09/1948. (Filme 45, Plan.521)
- (7) Áreas habitadas pelas tribos indígenas do Território Federal do Guaporé, 11/03/1955. (Filme 43, Plan.491)
- (8) Relação dos postos e áreas habitadas pelos grupos indígenas em caminhada ao Diretor do SPI pelo chefe substituto da 9ª ININD, José de Mello Fiuza, em 04/08/1965. (Filme 45, Plan.522)
- (9) Relação das áreas habitadas pelas tribos indígenas no Território Federal de Rondônia, elaborada pelo chefe substituto da 9ª ININD, José de Mello Fiuza, em 17/06/1966. (Filme 43, Plan.498)
- (10) HUGO, Vitor. Desbravadores. Amazonas, Ed. Missão Salesiana de Humaitá, 1959. v.2.
- (11) Relatório da situação dos índios Caritianas do Rio das Garças apresentado ao chefe substituto da 9ª ININD, pelo trabalhador Francisco Alves Rodrigues, em 26/06/1967. (Filme 44, Plan.499)
- (12) Relatório da movimentação de pessoal da ININD-9 apresentado ao chefe da SASSI do SPI pelo chefe substituto, José de Mello Fiuza, em 25/09/1967. (Filme 44, Plan.500)
- (13) Ofício nº001/68 de 05/01/1968 do chefe substituto da ININD-9 ao Governador do Território Federal de Rondônia. (Filme 44, Plan.500)
- (14) Memorando nº93/68 de 05/08/1968 do chefe substituto da IR9, José de Mello Fiuza. (Filme 45, Plan.526)
- (15) Ofício nº63-S/3 de 13/07/1967 do Ten.Cel. do 5ºBEC, Carlos Aloysio Weber, ao delegado de polícia de Porto Velho. (Filme 44, Plan.499)

PH

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDÍO
SETOR DE DOCUMENTAÇÃO

- (16) Ofício nº82/67 de 18/07/1967 do chefe substituto da ININD-9 ao Diretor da Divisão de Segurança e Guarda. (Filme 44, Plan.499)
- (17) Relatório das atividades da ININD-9 durante o ano de 1967 apresentado ao Diretor do SPI pelo chefe substituto, José de Mello Fiuza, em 10/12/1967. (Filme 45, Plan.522)
- (18) Relatório de viagem aos índios Karitiana de Willem Bontkes, do SIL, em jan. de 1968 (Filme 45, Plan.526)
- (19) Relatório da viagem aos índios Karitiana de Willem Bontkes, do SIL, 26/01/1968. (Filme 45, Plan.500)
- (20) Indians of Western Rondonia. In: IN THE PATH of Polonoeste. Occasional Paper, Cultural Survival, 6:38-45, Oct.1981.p.39.
- (22) Papeleta nº01/70 do chefe da Ajudância em Guajarã-Mirim, Cícero Cavalcanti de Albuquerque. (Filme 46, Plan.530)
- (21) IBGE. A organização do espaço na faixa da Transamazônica. Rio de Janeiro, IBGE, 1979. v.1.

PAI

DRP

*el puras
D. O. U. de 02. junho. 1978
doc. Cou-
foix*

D.O.U. de 02.junho.1978

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

CONCORRÊNCIA PÚBLICA Nº 001/78

A COMISSÃO PERMANENTE DE DEMARCAÇÃO DE TERRAS, designada pela Portaria nº 189/P, de 12 de março de 1975 do Sr. Presidente da FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO, torna público para o conhecimento dos interessados que as 09:00 horas do dia 07 de julho do corrente ano, se reunirá no 7º andar do Edifício Alvorada - Setor Comercial Sul - Brasília - Distrito Federal para recebimento e abertura de propostas para execução dos trabalhos de medição e de marcação das seguintes áreas indígenas: XAMBIOÁ e APINAYÉS nos Municípios de Araguaína e Tocantinópolis-GO.; SERRA MORENA no Município de Aripuanã-MT.; RIO GUAPORÉ e KARITIANA nos Municípios de Guajará-Mirim e Porto Velho-RO.; KAIAPÓ no Município de S.Félix do Xingu-PA.; ANDIRÁ/MARAU nos Municípios de Itaituba-PA. e Maués-AM. CAMICUÁ no Município de Boca do Acre-AM.; LAGOA COMPRIDA, RODEADOR e JURUÁ no Município de Barra do Corda - MA.

Informações complementares e documentação referente a concorrência poderão ser adquiridas nos seguintes endereços:

- | | |
|---|---|
| <u>AJUDÂNCIA DO ACRE</u>
Rua Dr. Francisco nº 93-Centro | <u>1ª DELEGACIA REGIONAL/FUNAI</u>
Rua dos Andradas, nº 473 |
| <u>RIO BRANCO - ACRE</u>
2ª DELEGACIA REGIONAL/FUNAI
Avenida Nazaré, nº 489 | <u>MANAUS - AM.</u>
6ª DELEGACIA REGIONAL/FUNAI
Loteamento dos Maristas s/n |
| <u>BELEM - PA.</u>
7ª DELEGACIA REGIONAL/FUNAI
Rua 261/B, Setor Universitário | <u>SÃO LUIS - MA.</u>
8ª DELEGACIA REGIONAL/FUNAI
Rua Presidente Dutra nº1051 |
| <u>GOIÂNIA - GO.</u> | <u>PORTO VELHO - RO.</u> |

DEPARTAMENTO GERAL DO PATRIMÔNIO INDÍGENA
SCS, Edifício Alvorada, 7º andar
BRASÍLIA - DF.

Dra. LAIA MATTAR E RODRIGUES
- Presidente da Comissão -

MI EXEMPLAR: Cr\$ 3,00
FUNAI
Departamento Geral
do Patrimônio
Indígena



MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍndIO
FUNAI

PUBLICADDC DOU Nº 184, de 26.09.78

SEÇÃO I - PARTE II

Págs. 5329 à 5331

EXTRATO DE CONTRATO

- a) Espécie: Contrato de Empreitada nº 058/78, que entre si fazem a Fundação Nacional do Índio, como contratante, e a firma Cope-Consultoria, Projetos e Engenharia Ltda, como contratada, celebrado em 14 de agosto de 1978;
- b) Resumo do objeto do contrato: medição e demarcação da área indígena denominada Posto Indígena Karitiana, localizado no Município de Porto Velho - Território Federal de Rondônia, com o perímetro de 96 km (aproximado);
- c) Modalidade da licitação: Concorrência Pública nº 001/78, constante do Proc. nº FUNAI/BSB/3031/78;
- d) Crédito pelo qual correrá as despesas: Recursos do Programa de Redistribuição de Terras e Estímulos à Agroindústria do Norte e Nordeste - Proterra, constantes da Programação do Polomazônia' para o exercício de 1978;
- e) Empenho: Despesas cobertas pelo Empenho nº 1242, de 11.08.78;
- f) Valor do contrato: Cr\$ 931.062,00 (novecentos e trinta e um mil, sessenta e dois cruzeiros);
- g) Prazo de vigência: 12 (doze) meses, a contar da data de emissão da ordem de serviço pela contratante.